



Jesus Cristo – verdadeiro Homem e verdadeiro Deus

No início, são considerados alguns testemunhos neotestamentários, que mostram que Jesus foi verdadeiramente Homem. Depois, seguem-se afirmações neotestamentárias, referentes à divindade de Jesus. A seguir, são explicados os fundamentos básicos da doutrina das duas naturezas de Cristo. Jesus Cristo, ainda hoje, é verdadeiro Homem e verdadeiro Deus e é nessa qualidade que Ele vai voltar.

— Jesus Cristo – verdadeiro Homem

O Novo Testamento testemunha, muito claramente, que Jesus foi um verdadeiro Homem. A 1.^a de João 1,1-3 expressa o seguinte: «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram, da palavra da vida. (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificámos dela, e vos anunciámos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); O que vimos e ouvimos isso vos anunciámos, para que também tenhais comunhão connosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho, Jesus Cristo.» Jesus Cristo é aqui designado como “palavra da vida”, a qual foi vista e pôde ser tocada. Isso significa que Ele foi um verdadeiro Homem, com quem outros seres humanos tiveram possibilidade de conviver e acerca do qual, mais tarde, relataram.

Uma grande parte dos Evangelhos dedica-se a relatar acerca do Homem Jesus. Os Evangelhos deixam bem claro que Jesus partilhou, com os homens, todo o espectro das emoções corporais e espirituais.

Logo o facto de Jesus ter nascido nos indica que se trata de um verdadeiro Homem. As circunstâncias milagrosas do Seu nascimento não alteram absolutamente nada este facto. Ao contrário de todas as outras mães, Maria, a Sua mãe, era virgem, e o anjo Gabriel prometeu-lhe: «Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que, também, o Santo, que de ti há-de nascer, será chamado Filho de Deus» (Lc 1,35). A concepção de Maria é um acontecimento miraculoso, que tem sua origem no próprio Deus. Deus evidencia-se novamente neste acontecimento como o Criador que, através do Seu ato voluntário, cria realidade, nomeadamente, o Homem Jesus.

Assim, o anjo termina o discurso a Maria com as palavras: «Porque, para Deus, nada é impossível.»

Acerca da juventude de Jesus, só encontramos algo relatado em Lucas 2,41-49, onde diz que, quando Ele tinha doze anos, foi ao templo, sem conhecimento dos pais, e se envolveu numa conversa com os escribas: «E todos os que o ouviam, admiravam a sua inteligência e respostas.» A seguir, em Lucas 2,52, só consta que Jesus crescia em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.

Os acontecimentos relatados acerca de Jesus durante a Sua atividade pública, também indicam que Jesus foi um Homem entre os Homens. Ele alegrava-se com os que estavam alegres. Sofreu com os tristes e chorou quando Lázaro morreu. Sentiu fome no deserto; sentiu sede quando chegou à fonte de Jacob. Sim, e Ele também sentiu muito medo quando se encontrou perante o sofrimento e a morte. Ele orou: «Pai, se queres, passa de mim este cálix, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lucas 22,42). Sentiu a dor quando os soldados Lhe bateram. Face à morte iminente na cruz Ele clamou: «A minha alma está cheia de tristeza, até à morte» (Mt 26,38). Esta exclamação também demonstra que Jesus era um ser humano com sentimentos.

Em Hebreus 4,15, é mencionada uma particularidade do Homem Jesus, que demonstra que Ele é em tudo igual a todos os outros Homens, menos num aspeto: Ele é imaculado.

Só conseguiremos fazer jus à pessoa de Jesus, se falarmos dela como sendo o verdadeiro Homem e o verdadeiro Deus.

— Jesus Cristo – verdadeiro Deus

A divindade de Jesus Cristo é tematizada em João 1,1-18 (cf. Doutrina e conhecimento resumo VI, pág. 67 e ss.). A este respeito, são feitas afirmações fundamentais sobre a existência de Deus e a Sua manifestação no mundo. Fala-se do princípio, da origem, que condiciona tudo e do qual tudo parte. Este princípio, que em si é incondicional e se situa para além de toda a temporalidade, é associado estreitamente ao termo usado na língua grega “Logos”, que, regra geral, é traduzido pelo termo “Verbo”. O Logos é um poder que define o princípio da criação. O Verbo (Logos) e Deus estão sempre diretamente correlacionados: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus» (Jo 1,1). Deus e o Verbo existem desde toda a eternidade.

Em Jo 1,14, dá-se prova da presença do Logos na Terra: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.» O Verbo divino supraterrâneo, que no princípio estava com Deus, entra agora na esfera terrena, e até faz mais do que isso: faz-se carne – o Verbo eterno torna-se um verdadeiro Homem. O Verbo é designado aqui unigénito, quer dizer, o único Filho de Deus, que vive e age entre os outros seres humanos.

A humanidade do Filho de Deus, a realidade histórica do “verbo que se fez carne”, reflete-se nesta afirmação: «[...] e vimos a sua glória». Aqui, faz-se referência ao círculo dos que testemunharam a atuação de Jesus na terra, que, por um lado, se baseavam nos milagres e sinais e, por outro, na revelação da Sua natureza divina na transfiguração (cf. Mt 17,1 e ss.). Os apóstolos e discípulos tinham comunhão direta com Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne. Isso também se encontra relatado na 1.^a de João 1,1-3.

A glória do Pai no além torna-se uma realidade experienciável, ou seja, histórica na glória do Filho no aquém. Assim sendo, o Filho de Deus pode afirmar: «Quem me vê a mim vê o Pai!» (Jo 14,9). Quem é Deus, torna-se diretamente perceptível através de Jesus Cristo.

A encarnação do Filho de Deus é descrita em Fl 2,6-8 como sendo servilismo: «Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.» Deus, o Filho, prescinde da Sua majestade e entra, através da Sua encarnação, no reino dos humanos; torna-se Homem e suporta de forma extrema o peso da humanidade.

O texto bíblico em Heb 2,14 explica a razão pela qual o Verbo se fez carne: «E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele [Jesus Cristo] participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo». A Epístola Aos Hebreus realça a necessidade da encarnação de Deus, ou seja, vencer a morte e dominar o mal.

Tanto a filiação divina como a divindade de Jesus Cristo são testemunhadas, repetidas vezes, no Novo Testamento. Quando Jesus foi batizado no rio Jordão, ouviu-se uma voz vinda do céu: «Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo» (Mt 3,17). Aquando da transfiguração, o Pai também realça a filiação divina de Jesus e acrescenta a advertência de que todos deveriam escutá-Lo (cf. Mt 17,5).

As palavras de Jesus: «Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer» (Jo 6,44) e: «Ninguém vem ao pai senão por mim» (Jo 14,6) expressam uma igualdade de autoridade divina entre Deus, o Pai, e Deus, o Filho. O Pai traz os homens para junto do Filho, e o Filho conduz os homens para junto do Pai.

Só como verdadeiro Deus é que Jesus Cristo consegue afirmar: «Eu e o Pai somos um.» (Jo 10,30). Ele expressa assim, na maior simplicidade linguística, que, em natureza, é idêntico ao Pai.

As passagens da bíblia que se seguem mostram também que Jesus Cristo é verdadeiro Deus:

- O comportamento dos apóstolos após a ascensão: «E, adorando-o eles [a Jesus Cristo]» (Lc 24,52). Adoração é algo que só se concede a Deus. Assim sendo, através des-te ato, torna-se evidente a fé em como Jesus Cristo é verdadeiro Deus.
- A afirmação em Jo 1,18: «A Deus jamais alguém o viu; o Filho unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.» Em Jesus Cristo, Deus aproxima-se do Homem e revela-se como amoroso e misericordioso.
- O testemunho do apóstolo Tomé, depois de ter visto o Ressuscitado: «Senhor meu, e Deus meu» (Jo 20,28). O apóstolo Tomé chama ao Ressuscitado “Senhor”, o que já exprime a divindade de Jesus.
- A profissão de fé na natureza de Jesus no hino a Cristo: «Porque nele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade» (Cl 2,9). O hino na Epístola aos Colossenses remete para a presença de Deus no Homem Jesus. A palavra "corporalmente" sublinha a realidade deste acontecimento, que não ocorre ao longo do tempo, mas sim, num determinado espaço de tempo.¹
- A indicação dada em 1.^a Jo 5,20: «e no que é verdadeiro estamos, isto é, no seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.» A 1.^a Epístola de João expressa que Jesus Cristo é Deus e doador da vida eterna, quer dizer, da comunhão eterna com Deus.
- A afirmação: Deus, «aquele que se manifestou em carne» (1.^a Tm 3,16). A 1.^a Epístola a Timóteo dá testemunho, tal como já acontecia nas escrituras de João, que Deus está presente em Jesus Cristo e é diretamente experienciável para o ser humano.

— A doutrina das duas naturezas de Jesus Cristo

A doutrina das duas naturezas é fundamentada nas afirmações neotestamentárias acerca da humanidade e da divindade de Jesus Cristo. Neste contexto, o termo “natureza” não deve ser interpretado como paisagem natural, mas antes, como a natureza, a substância de algo ou de alguém.

A afirmação de que Jesus Cristo é verdadeiro Homem e verdadeiro Deus, foi feita no Concílio de Chalcedon (451). Esta doutrina ou este dogma foi reconhecida(o) vinculativamente pela maior parte das Igrejas cristãs. A doutrina das duas naturezas de Jesus Cristo ultrapassa todos os horizontes de experiência e de imaginação humana. Só pode ser aceite pela fé e pelo conhecimento vinculativo de testemunhos bíblicos.

O Concílio de Chalcedon pretende renovar e reafirmar a “fé, dos patriarcas”, que tinha sido expressa no Concílio de Niceia (325) e de Constantinopla (381). O Concílio pretende, em primeiro lugar, sublinhar as afirmações da doutrina trinitária, feitas nos Concílios anteriores, e realçar a sua vinculação para a fé de todos os cristãos. O Concílio afirma que uma natureza de Jesus Cristo é Deus e a outra é Homem. Após um longo processo de argumentações racionais e teológicas, as afirmações mais importantes da fórmula de Chalcedon mostram-nos como as duas naturezas devem ser interpretadas:

Nós, [...] com voz uníssona, ensinamos que o Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, é um só e o mesmo. Sendo o mesmo perfeito na divindade e o mesmo perfeito na humanidade, o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, [...] da mesma natureza do Pai quanto à divindade e da mesma natureza que nós, quanto à humanidade. Nós reconhecemos um e o mesmo Cristo, o Filho e Senhor, o Filho unigénito, imiscível em duas naturezas, sem confusão, sem mutação e sem divisão. Sendo que a diversidade das naturezas nunca foi eliminada pela união, antes pelo contrário, a propriedade de cada uma das naturezas ficou intacta e ambas se encontram numa só pessoa e numa só hipóstase. Nós não reconhecemos uma pessoa dividida ou separada em duas, mas um só e o mesmo Filho unigénito, o Verbo divino, o Senhor Jesus Cristo.²

A fórmula estabelece muito claramente as duas naturezas diferentes de Jesus Cristo. Como verdadeiro Deus, Ele é Deus, o Filho, a segunda pessoa da Trindade. Como verdadeiro Homem, Ele faz parte substancial da humanidade e de nós, seres humanos. A relação das duas naturezas em Jesus Cristo é descrita como sendo “miscível e inseparável”.

Deus e Homem não se misturam em Jesus Cristo, quer dizer, Ele não é um semideus, na aceção conhecida da mitologia grega. Ele é ao mesmo tempo inteiro e completo: Homem e Deus. Ao mesmo tempo, é realçado que, em Jesus Cristo, ambas as naturezas estão sempre presentes, não se conseguem separar e não se podem dividir. Este “não-se-poder-separar” chama-se unidade de pessoas. Isso expressa que a unidade da pessoa Jesus Cristo é inalterável. Da unidade da pessoa, ou seja, da pessoa Jesus Cristo, faz parte a natureza irrevogável da dualidade, quer dizer, a ligação do Homem e Deus.

A ênfase da unidade da pessoa deve realçar que a realidade histórica da encarnação de Deus em Jesus Cristo não é revogável. Mesmo depois da ressurreição e da ascensão, a pessoa Jesus Cristo mantém-se, não é substituída pelo Verbo “Logos”. Mesmo o Senhor enaltecido tem duas naturezas, Ele é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Existem indicações bíblicas importantes para a irrevogabilidade da unidade da pessoa, até mesmo para o Senhor enaltecido e que há de vir. Uma delas é a visão de Estêvão: «Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus; E disse: «Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus» (Act 7,55.56). O nome Jesus é uma indicação para a pessoa histórica, que pregou na Judeia e na Galileia e que agora está junto ao trono de Deus.

A verdadeira humanidade de Jesus Cristo, junto ao trono de Deus, é abordada na 1.^a a Timóteo 2,5: «Porque há um só Deus, e um só Mediador, entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem.»

Jesus foi enaltecido e a sua revinda é aguardada com grande ansiedade pelos apóstolos e pela comunidade: «Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há-de vir, assim, como para o céu o vistes ir» (Act 1,11). No início do Apocalipse é destacada, com base numa imagem profética do Antigo Testamento, a unidade do Cristo crucificado e que há de vir: «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram» (Ap 1,7).

As narrações na 1.^a aos Coríntios 15, 22.23 também remetem para a unidade da pessoa, falando de Jesus Cristo como primícia dos falecidos: «E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida. Mas cada um na sua própria ordem: primeiro, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda.»

No final do Apocalipse a Igreja fala, dando assim testemunho de como o Senhor que há de vir é o mesmo que foi crucificado e que ascendeu ao céu, dizendo: «Ámen. Ora vem, Senhor Jesus!» (Ap 22,20).

¹ cf. o hino na Epístola aos Colossenses 1.^a e 2.^a parte. < http://www.igrejanovaapostolica.org/site/ndice/portugus/doutrina_e_conhecimento/>

² cf. Baus, K., Ewig, E., os conflitos teológicos no oriente e no ocidente até meados do século V em: H. Jedin (Hg.), manual da história eclesial vol. II/1, Freiburg i. Br. 1973, 125).